

ECOLOGIA ORGANIZACIONAL: PRINCIPAIS IMPACTOS CONTÁBEIS E DE GESTÃO QUE LEVAM A ALTA TAXA DE MORTALIDADE DAS EMPRESAS

EVÂNIA VALÉRIA DA SILVA¹

evania_valeria@outlook.com

LARA ROMERA FORCATTO²

lararomera123@gmail.com

PROF. ANDRÉ LUIS DA SILVA – MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO³

IMES – Catanduva

Av. Daniel Dalto, s/n - Expansão 1, Catanduva - SP, 15800-970

RESUMO

O estudo da ecologia organizacional aplicado aos contextos atuais de mercado tem sido de grande relevância para o mercado de capitais, tanto no exterior quanto no Brasil. As empresas competem entre si pelos recursos em um determinado ambiente para perpetuarem sua sobrevivência, ideia essa balizada neste estudo que teve como objetivo contextualizar a aplicabilidade dos conceitos da Teoria da Ecologia das Populações Organizacionais (HANNAN; FREEMAN, 1978; CUNHA, 1999; BAUM, 1999; ROCHA, 2015; OLIVEIRA, HEBER, 2020) ao estudo sobre a taxa de sobrevivências das empresas no Brasil de dados fornecidos pelo SEBRAE - 2023 (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) em esfera nacional. Através dessa pesquisa foi possível observar que as principais causas de mortalidade de empresas são: falta de planejamento contábil prévio; má gestão empresarial e comportamento do empreendedor e que 48% desses negócios encerram suas atividades dentro de três anos. A partir da análise de estudos e pesquisas realizadas sobre o assunto, a abordagem apresentada neste trabalho é de cunho exploratório e foi sistematizada nos seguintes tópicos: o referencial teórico abordando a ecologia organizacional, dando ênfase na questão de fundação e fracasso, mortalidade de pequenas empresas, a pesquisa realizada e publicada pelo SEBRAE o método utilizado, resultados e discussão, conclusão e referências

Palavras-chave: Ecologia Organizacional; Mortalidade Empresarial, Processos Contábeis, Planejamento Contábil.

ABSTRACT

The study of organizational ecology applied to current market contexts has been of great relevance to the capital markets, both abroad and in Brazil. Companies compete with each other for resources in a given environment to perpetuate their survival, an idea supported in this study that aimed to contextualize the applicability of the concepts of the Theory of Organizational Population Ecology (HANNAN; FREEMAN, 1978; CUNHA, 1999; BAUM, 1999; ROCHA, 2015; OLIVEIRA, HEBER, 2020) to the study on the survival rate of companies in Brazil based on data provided by SEBRAE - 2023 (Brazilian Support Service for Micro and Small Businesses) at the national level. Through this research it was possible to observe that the main causes of company mortality are: lack of prior accounting planning; poor business management and entrepreneur behavior and that 48% of these businesses close their activities within three years. Based on the analysis of studies and research carried out on the subject, the approach presented in this work is exploratory in nature and was systematized into the following topics: the theoretical framework addressing organizational ecology, emphasizing the issue of foundation and failure, mortality of small companies, the research carried out and published by SEBRAE, the method used, results and discussion, conclusion and references

Keywords: Organizational Ecology; Business Mortality, Accounting Processes, Accounting Planning.

INTRODUÇÃO

A alta taxa de mortalidade das empresas brasileiras tem sido um assunto relevante para a implementação de políticas de incentivo à criação e sobrevivência destas. Partindo desta premissa, é importante entender como e porque esses empreendimentos fracassam em curto prazo. No entanto, o termo ‘fracasso’ tanto utilizado nas áreas administrativas, não dispõe exatamente quais as causas que levaram a finalização das atividades das empresas, visto que diversas situações podem ter contribuído para o encerramento da sua atuação no mercado.

Desta forma, o objetivo deste artigo é o de contribuir para o debate sobre o fracasso de empresas, enfatizando diferentes possibilidades, correlacionando os resultados obtidos pela pesquisa realizada

¹ Aluna do Curso de Ciências Contábeis do IMES/Catanduva.

² Aluna do Curso de Ciências Contábeis do IMES/Catanduva

³ Professor Orientador.

pelo SEBRAE com o pensamento de diversos autores acerca do assunto, sendo essa compreensão importante para uma solução mais assertiva sobre a ecologia organizacional e principais impactos contábeis e de gestão que levam a alta taxa de mortalidade das empresas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A ecologia organizacional

Segundo Hannan e Freeman (1978), a Teoria da Ecologia Organizacional, explica, com base no darwinismo social, como os processos demográficos, ecológicos, ambientais e tecnológicos afetam o desenvolvimento e até mesmo a sobrevivência das organizações por meio de indicadores de fundação e fracasso, minimizando e até mesmo desconsiderando o poder ou capacidade de administração dos executivos das empresas sobre a direção e futuro delas (falta de gerenciamento).

Precusores no estudo da ecologia organizacional, Hannan e Freeman (1978) alertaram para aspectos importantes da relação entre as organizações, ambiente e populações e para a necessidade de elas superarem a inércia estrutural adaptando-se às intensas mudanças do ambiente. Num ambiente altamente competitivo, as empresas as organizações não se adaptam as mudanças constantes e volatilidade de cenários políticos, econômicos e financeiros. É o meio que as seleciona. A sobrevivência depende da natureza do seu ambiente e das situações competitivas. (HANNAN; FREEMAN, 1978).

Morgan (2002) discorre sobre diversas metáforas aplicadas às organizações e, por meio da metáfora dos organismos vivos, retrata as organizações quando vistas como organismos. O autor traz a ideia de que as organizações são sistemas vivos que pertencem a um ambiente e que, portanto, dependem desse ambiente para satisfazer suas necessidades, exatamente como se podem encontrar ursos polares nas regiões árticas, camelos nos desertos e jacarés nos pântanos nota-se que certas espécies de organizações estão mais bem “adaptadas” para determinadas condições ambientais do que outras.

Hannan e Freeman (1978), autores do artigo *“The population ecology of organizations”* passaram a ser chamados de ecólogos organizacionais, visto que propuseram a observação do processo de adaptação das organizações aos ambientes, os ciclos de vida das organizações, os fatores que influenciam sua saúde e seu desenvolvimento, as diferentes espécies de organização e as relações entre essas espécies e sua ecologia. Os autores afirmam que antes mesmo da definição de objetivos, estrutura e eficiência das organizações, elas devem se preocupar com questões mais ‘biológicas’ como ‘criação’, ‘sobrevivência’, relações organização-ambiente e eficácia organizacional.

Segundo Baum (1999) e Rocha (2015) os ecólogos organizacionais procuram explicar como condições políticas, econômicas e sociais afetam a relativa abundância e diversidade de organizações que tentam justificar sua composição mutante ao longo do tempo.

Ainda, Rocha (2015) explica que a pesquisa ecológica é iniciada por três observações: (i) diversidade é uma propriedade dos agregados de organizações; (ii) organizações frequentemente têm dificuldade para executar e planejar mudanças suficientemente rápidas para responder às demandas de ambientes incertos e mutáveis; (iii) comunidade das organizações é raramente estável, visto que as organizações aparecem e desaparecem continuamente.

A partir dessas premissas, os autores considerados ecólogos organizacionais (HANNAN; FREEMAN, 1978; MORGAN, 2002) procuram explicar as questões de adaptabilidade das organizações nos níveis de população e de comunidade em que estão inseridas e nas taxas de fundação (criação) e fracasso (morte) como fatores chaves para a redução da diversidade e, portanto, uma maior adaptabilidade e uma sobrevivência mais longa e saudável para essas organizações. Esses ecólogos organizacionais advogam que se devem focar as atenções na maneira pela qual os ambientes selecionam as organizações e que isso pode ser mais bem interpretado pela análise das populações das organizações.

De acordo com Morgan (2002) essa visão da população-ecologia da organização coloca a teoria da evolução de Darwin no centro da análise (Darwinismo). Assim como no meio ambiente, as organizações dependem da disponibilidade de recursos e consequentemente convivem com a competição dentro e entre diferentes espécies de organizações. O autor reforça que o ambiente é um fator crítico na determinação de quais organizações terão sucesso ou fracasso selecionando os competidores mais fortes através da eliminação dos mais fracos. Ainda, para o autor, a teoria da ecologia organizacional não leva em consideração, a longo prazo, aquilo que os gestores/dirigentes das organizações decidem e subestima a

importância de uma direção estratégica, considerando que mesmo empresas de sucesso estão sujeitas a fracassar como resultado de mudanças ambientais.

Conforme Oliveira e Heber (2020, p.103), para a ecologia organizacional “a fundação e o fracasso organizacionais são influenciados pelos processos ambientais, demográficos e ecológicos. Os processos ambientais, especificamente, são categorizados como institucionais e tecnológicos.”

Considerando que mortalidade e fracasso são termos utilizados como sinônimos em diversos estudos que tratam desse assunto, a seção seguinte aborda este tema.

Entendendo o conceito “Fracasso”

Segundo King (2002), fracasso não se restringe necessariamente a uma situação de perda financeira. De modo geral, o que ocorre é que o fracasso é entendido como sinônimo de descontinuidade dos negócios mesmo que as causas que levaram a essa condição sejam consideradas “positivas”. Assim, por exemplo, situações nas quais o empreendedor negocia a marca de seu produto a um concorrente por um montante que seja lucrativo e o deixe satisfeito na negociação, mas que implica no encerramento de sua empresa, são muitas vezes consideradas como fracasso (RIQUELME; WATSON, 2002).

Zacharakis, Meyer e De Castro (1999), analisando percepções de fracasso, realizaram um estudo comparativo com empreendedores e com investidores e, como resultados, apontaram os fatores internos como as principais causas do fracasso. Em outra análise do fenômeno, enfatiza-se o estágio inicial ao fracasso, considerando que o fracasso não está desvinculado da inércia, do declínio, até mesmo da crise ou da falência, bem como o declínio pode ser célere, por fases ou persistente e a intensão deste não implica necessariamente em fracasso a curto ou médio prazo, mas uma tendência a ser realizada no longo prazo (ROULEAU; GAGNON, 1999).

Outro ponto importante é quando se trata de discutir o fracasso de empresas, visto que não há um entendimento claro sobre o assunto, assim como existem diversas interpretações sobre a fundação das organizações. De modo geral, a fundação e o fracasso são simultaneamente debatidos, pois há muitos aspectos relacionados a possibilidades de êxito e inversamente ao fracasso (RIQUELME e WATSON, 2002).

Faz-se necessário destacar que a análise da sobrevivência de empresas em diferentes países leva em conta fatores variados, tais como a estrutura de direção da empresa, o tamanho da empresa, sua idade, capital, a inovação, sua produtividade e a natureza. (OCDE, 2002). Isso exposto, voltamos para as reflexões dos ecólogos organizacionais e suas considerações de como e porque se dão as taxas de fundação e fracasso nas organizações.

A taxa de sobrevivência das empresas no Brasil de acordo com a Pesquisa SEBRAE - 2023

Segundo estudo realizado pelo Sebrae a partir das bases de dados da RFB (Receita Federal do Brasil) e de pesquisas de campo realizadas entre 2018 e 2021, publicada em 29/03/2023, entre as empresas fechadas em 2020 verificou-se:

- As empresas fechadas apresentaram maior proporção de pessoas que estavam desempregadas antes de abrir o negócio;
- Menor conhecimento/experiência anterior no ramo;
- Maior proporção de quem abriu por exigência de cliente/fornecedor;
- Maior proporção de quem abriu por necessidade;
- Maior proporção de quem conhecia menos aspectos relevantes do negócio;
- As empresas fechadas tiveram menor acesso ao crédito (pediram menos e conseguiram menos);
- As empresas fechadas apresentaram menos iniciativa em aperfeiçoar o negócio;
- As empresas fechadas apresentaram fizeram menos esforços de capacitação;
- Aproximadamente 50% das empresas que fecharam em 2020 considera que “a pandemia foi determinante”.

Os MEIs tiveram a maior taxa de mortalidade entre os pequenos negócios, 29% fecham após 5 anos de atividade. Já as MEs têm taxa de mortalidade intermediária entre os pequenos negócios, 21,6% fecham após 5 anos de atividade. As EPPs têm a menor taxa de mortalidade entre os pequenos negócios, 17% fecham após 5 anos de atividade.

A maior taxa de mortalidade foi verificada no comércio (30,2% fecham em 5 anos) e a menor na indústria extrativa (14,3% fecham em 5 anos).

Fatores que contribuíram para o fechamento dos negócios:

1. Pouco preparo pessoal

- Em média, 42% estavam desempregados, mas essa proporção chegou a 59% no grupo das empresas fechadas;
- Mais de 40% dos entrevistados eram funcionários de empresa privada antes de abrir seu próprio negócio. Outros 37% eram autônomos sem empresa constituída;
- Em média, 42% fizeram alguma capacitação. Mas no grupo das empresas fechadas foi maior a proporção de quem não fez nenhuma capacitação;
- Entre as empresas em atividade, foi maior a proporção de quem abriu porque “identificou uma oportunidade”.

2. Planejamento do negócio deficiente e gestão do negócio deficiente

- 17% dizem não ter feito nenhum planejamento e 59% dizem ter feito para no máximo 6 meses;
- Muitos deixaram de levantar informações relevantes para criar o negócio.
- Na “gestão do negócio” as empresas que sobreviveram se mostraram mais ativas;
- Diferenciação/adaptação de produtos/serviços foi estratégia relevante para a sobrevivência.

3. Problemas no ambiente (pandemia)

- Mais de 40% citaram explicitamente como um dos principais motivos para o fechamento da empresa a pandemia da Covid-19;
- Entre as empresas fechadas, foi menor a proporção dos que tentaram empréstimo e foi menor a proporção dos que conseguiram.

Segundo o SEBRAE, abaixo são detalhados os principais motivos que levaram ao fechamento das empresas no período citado:

Pandemia / Coronavírus	40,8%
Faltou dinheiro / faltou financiamento / faltou capital de giro	21,5%
Vendas muito baixas / Prejuízo / Falta de clientes	20,0%
Passou em concurso / Voltou a trabalhar com carteira assinada / Melhores oportunidades	12,8%
Burocracia / Burocracia para formalização	7,8%
Dificuldade em contratar mão-de-obra	6,6%
Custo alto / impostos / taxas / aluguel alto	6,5%
Necessidade de reformar o ponto / Ponto inadequado ou ruim / Local	6,3%
Não havia mais mercado / mercado competitivo / Falta de demanda	5,8%
Mudanças na vida / Mudança de cidade / Mudança de ramo de atividade	5,6%
Motivos pessoais / Devido a questões de saúde	5,4%
Falta de tempo	5,1%
Contexto desfavorável / Não era o melhor momento / Crise econômica	4,4%
Não sabe / Não respondeu	3,8%
Lucro / Faturamento muito baixo	3,6%
Falta de gestão / Falta de organização / Falta de foco	3,5%
Questões com os sócios	2,7%
Devido à falta de experiência no ramo / Falta de conhecimento técnico	2,7%
Não conseguiu administrar o negócio / Incompetência / Falta de planejamento	2,4%
Perdeu o interesse / Desistiu do negócio / Desmotivação para continuar	2,3%
Mercado não absorveu o produto	1,9%
Motivos pessoais / Motivo de doença	1,8%
Sazonalidade	1,3%
Devido ao governo / Instabilidade política	1,3%
Falta de mercadorias / Falta de matéria-prima / Atraso nas entregas	1,3%
Problemas com fornecedores / Não conhecia os fornecedores	1,2%
Mercadoria muito cara	1,1%

Figura 1: Principais motivos que levaram ao fechamento das empresas
(Fonte: SEBRAE, 2023)

Ainda, no mesmo estudo, o SEBRAE (2023) detalha quais os auxílios citados que poderiam ter evitado o fechamento da empresa:



Figura 2: Principais auxílios citados que poderiam ter evitado o fechamento da empresa (Fonte: SEBRAE, 2023)

Ao analisar a sobrevivência por setor, o levantamento mostrou que a maior taxa de mortalidade foi verificada no comércio, onde 30,2% fecharam as portas em cinco anos. Na sequência, aparecem indústria de transformação (com 27,3%) e serviços (com 26,6%). As menores taxas de mortalidade foram encontradas na indústria extrativa (14,3%) e na agropecuária (18%).

Minas Gerais é o estado com a maior taxa de mortalidade (30%). O Distrito Federal, Rondônia, Rio Grande do Sul e Santa Catarina apresentaram índice de 29%. Amazonas e Piauí foram os que apresentaram as menores taxas de mortalidade (22%), seguidos pelo Amapá, Maranhão e Rio de Janeiro (23%).

Ainda, reforçando os dados ora levantados, a consultoria VSH Partners, em entrevista ao Portal G1 (2023), saliente que: “O Brasil vive um verdadeiro boom de empreendedorismo: mais de 2,7 milhões de novas empresas surgiram só até agosto de 2023. Entretanto, os dados recentes do IBGE soam um alarme: 48% desses negócios encerram suas atividades dentro de três anos. O vilão número um é o alto imposto, mas logo em seguida vem um problema igualmente sério: a falta de uma gestão eficiente.”

Método

Segundo Marconi e Lakatos (2010), as pesquisas científicas podem ser classificadas de acordo com o seu objetivo e, segundo Gil (2010), toda pesquisa tem os seus objetivos em relação aos objetivos gerais, sendo que podem ser classificadas como pesquisas exploratória, descritiva ou explicativa. Quanto aos objetivos, este estudo caracteriza-se como pesquisa exploratória com análise dos dados secundários.

Gil (2010), descreve que a pesquisa exploratória tem como objetivo disponibilizar maior familiaridade com o problema, modificar e clarificar os conceitos com objetivo de torná-lo mais explícito, considerando os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. Almeida (2011) define como critério de diferenciação os procedimentos que são utilizados em uma pesquisa. Os procedimentos de pesquisa, segundo Gil (2010), dividem de um lado o grupo de pesquisa bibliográfica e documental, que utilizam

materiais escritos e de outro lado, o grupo de pesquisa experimental e *ex-post-facto*, o estudo de campo, o estudo de caso e o levantamento que utiliza as pessoas como fonte de dados.

Sobre a pesquisa realizada pelo SEBRAE (2023), destacam-se:

Objetivos	Metodologia	Amostra	Coleta dos dados	Ponderação dos dados
Avaliar o nível de lembrança do SEBRAE junto aos empreendedores brasileiros: imagem e percepções relacionadas à marca.	As entrevistas foram realizadas por telefone (C.A.T.I.). A base de dados foi fornecida pelo SEBRAE e continha 84.820 contatos de empreendimentos brasileiros.	Foram realizadas 3.047 entrevistas. A margem de erro para resultados nacionais é de 1,7%. O nível de confiança é de 95%.	Os dados foram coletados entre os dias 14 de setembro de 2020 e 30 de janeiro de 2021.	Os resultados foram ponderados por UF, porte da empresa e setor de atuação.

Figura 3: Fonte: SEBRAE (2023)

Desta forma, este artigo está estruturado em forma da análise qualitativa exploratória dos índices de “criação” (fundação) e morte (fracasso) propostos por Hannan e Freeman (1978) com os resultados obtidos com a pesquisa realizada pelo SEBRAE (2023) visando identificar os principais impactos contábeis e de gestão que levam a alta taxa de mortalidade das empresas e os fatores que contribuem para as chances de sucesso (sobrevivência) delas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo do estudo realizado pelo SEBRAE, o mais recente, foi o de identificar a taxa de sobrevivência das empresas no Brasil, a partir das bases de dados da RFB e de pesquisas de campo realizadas entre 2018 e 2021, entre as empresas fechadas em 2020.

Ao correlacionarmos com o arcabouço teórico, a dependência de recursos (BAUM, 1999; CUNHA, 1999; ROCHA, 2015; OLIVEIRA, HEBER, 2020), explicita a limitação do número de organizações em determinado mercado, uma vez que o ambiente exerce uma influência crítica nas organizações, originado pelos fluxos de recursos que são obtidos através das interações ambientais. Isto pode ser ratificado na pesquisa visto que 40% dos empreendedores abriram a empresa após saírem da iniciativa privada antes de abrir seu próprio negócio e desses, 37% porque já eram autônomos sem empresa constituída segundo a pesquisa SEBRAE. Ainda, 42% dos empreendedores declararam que abriram a empresa por estarem desempregados e, entre as empresas em atividade, foi maior a proporção de quem abriu porque “identificou uma oportunidade”.

Em detrimento do investimento e do capital de giro, houve uma seleção das empresas mais aptas à sobrevivência. Hannan e Freeman (1984) ressaltaram que a seleção ocorre pela disputa por recursos que são finitos e independem da estratégia gerencial para uma espécie de organização. Desta forma, evidenciou-se que 17% afirmaram não terem feito nenhum planejamento e 59% dizem ter feito para no máximo 6 meses.

De acordo com os empreendedores, as principais dificuldades encontradas foram: a pandemia/Coronavírus (40,8%), falta de dinheiro, financiamento e/ou capital de giro (21,5%), vendas muito baixas e falta de clientes, ocasionando prejuízos (20%) e burocracia para formalização (7,8%). Ressalta-se que, dentre o público pesquisado pelo SEBRAE, 12,8%

voltaram a trabalhar com carteira assinada, passaram em concurso ou decidiram avaliar outras oportunidades.

Schumpeter (1942) encontra razões políticas para a sobrevivência do pequeno capital ao considerar que a estrutura política de uma nação poderia ser seriamente afetada pela falência de muitas pequenas empresas, cujos donos, gerentes, dependentes, agregados e conexões contam, quantitativamente, nas urnas. Vale dizer: não houvesse viabilidade econômica para a pequena empresa, ela teria uma funcionalidade política que justificaria esforços em prol da sua sobrevivência. Esses pontos são evidenciados nos resultados da pesquisa SEBRAE (2023) que mostraram que as principais causas de mortalidade de empresas são: planejamento prévio; gestão empresarial e comportamento empreendedor. Ao abrir a empresa, parte dos empreendedores não levantou informações importantes sobre o mercado (clientes, concorrentes, fornecedores).

Segundo McKelvey e Aldrich (1983), um problema comum está no nível macro de análise organizacional, o que justifica que as implicações práticas da investigação realizada sejam regularmente avaliadas em termos de capacidade prescritiva. Esta narrativa é evidenciada na pesquisa SEBRAE (2023), pois mais da metade dos empreendedores não realizaram o planejamento de itens básicos antes do início das atividades da empresa, além de não direcionarem um maior tempo de planejamento (mais de 6 meses), de forma a permitir que se conhecesse melhor o mercado antes de abrir a empresa, o que tenderia a aumentar as chances de sucesso.

Outro fator relacionado ao estágio de criação da empresa é o curto período estudo para abrir a empresa (DUTRA, 2002; LUSSIER e PFEIFER, 2001), indicando falta de planejamento prévio na abertura do negócio. Os que fecharam consideram o planejamento prévio como fator mais importante para a sobrevivência da empresa. Neste estudo, foi apontado que as empresas em atividade no período analisado, realizaram o planejamento prévio combinado à gestão após a abertura do negócio.

Por outro lado, a pesquisa apresentou um cenário menos positivo, voltado à vulnerabilidade dos negócios: os que estão insatisfeitos, reclamam de falta de lucro ou faturamento baixo (3,6%) e custo alto / impostos / taxas / aluguel alto (6,5%). O principal motivo para ter fechado a empresa para mais de 80% dos empreendedores entrevistados refere-se à pandemia do Coronavírus, falta de investimento / capital de giro e clientes.

Os empreendedores que relutam em desistir do seu sonho de empreender e apontam como principais auxílios citados que poderiam evitar e ter evitado o fechamento das empresas: crédito mais facilitado (34,4%), maior clientela (24,9%), menor carga tributária – encargos e taxas (20,6%) e consultoria empresarial (12,2%). Este ponto vai de encontro com a questão da vulnerabilidade das organizações jovens: o estudo das organizações numa lógica populacional permitiu também dar a devida importância à questão da vulnerabilidade inicial: as organizações mais jovens apresentam taxas de insucesso mais elevadas do que as organizações mais antigas. Segundo Hannan e Freeman (1984), isso se daria devido ao fato de as organizações mais jovens não terem ainda alcançado níveis de confiança e de responsabilidade aceitáveis. Pode haver outras explicações plausíveis como limitações de capital, problemas de eficiência, fraca capacidade de intervenção no mercado), mas é mérito da teoria ecológica ter apresentado uma explicação para as elevadas “taxas de mortalidade infantil” das organizações.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada pelo SEBRAE (2023) nos permitiu identificar os temas propostos pelos ecólogos organizacionais e entender, de forma prática, os principais impactos contábeis e de gestão que levam à alta taxa de mortalidade das empresas. A situação se agravou devido à pandemia do vírus COVID-19, que prejudicou a economia mundial e aumentou as taxas de desemprego e mortalidade das empresas, bem como o número de pequenos empreendimentos. Como resultado da falta de oportunidades, as pessoas começaram a criar seus próprios negócios, o que levou a um aumento significativo no número de microempreendimentos.

Os dados apresentados pelo SEBRAE nos trazem a variação de abertura e fechamento de empresas do mercado, e a margem de como a falta de planejamento e conhecimento afeta diretamente a vitalidade delas, o despreparo para se inserir no mercado de trabalho é uma falha que traz ao empreendedor grandes prejuízos financeiros e frustrações.

Desta forma, é possível afirmar que a falta de conhecimento dos impactos contábeis são cruciais para a sobrevivência das empresas, aos quais podemos citar: (i) planejamento contábil errôneo; (ii) falta de assessoramento ou acompanhamento de um contador e; (iii) apoio contábil para avaliação de viabilidade do negócio. Esses fatores levaram as empresas a passarem por falta de financiamento, falta capital de giro, vendas muito baixas, prejuízo, burocracia para formalização, falta de controle sobre custos, impostos, taxas e demais despesas, não avaliar a competitividade do mercado, não projetando a demanda ou analisando cenários econômicos, impactando no lucro apurado e no faturamento muito baixo, além de questões como sazonalidade, instabilidade política, falta de mercadorias e de matéria-prima, atraso nas entregas e problemas com fornecedores, o que ratifica os itens evidenciados na Figura 2: Principais auxílios citados que poderiam ter evitado o fechamento da empresa (Fonte: SEBRAE, 2023).

Esses mesmos fatores, quando implementados e coordenados adequadamente, contribuem para a sobrevivência e fortalecimento das empresas, auxiliando em quando e qual o melhor formato de crédito deve ser buscado, auxiliando na construção do plano de negócios, considerando o produto, mão-de-obra, matéria prima, público, encargos e impostos a serem pagos e na consultoria empresarial para uma gestão financeira mais eficaz.

Ressalta-se que os outros pontos levantados na pesquisa e que configuram fortemente como taxas de fundação ou fracasso das empresas desse porte contradizem a teoria da ecologia organizacional atribuindo a responsabilidade de gestão do empreendedor e não a capacidade de adaptabilidade ao ambiente.

Esse estudo não se limita a essa pesquisa e propõe que se estenda para empresas de médio e grande porte, de modo a verificar se as taxas de fundação e fracasso também são aplicáveis nesses cenários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mario de Souza. **Elaboração de projeto, TCC, dissertação e tese: uma abordagem simples, prática e objetiva**. São Paulo: Atlas, 2011.

BAUM, J.A.C. Ecologia organizacional. In: Clegg, S. R.; Hardy, C.; Walter R.N. (Org). **Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1999.p.137-195.

CUNHA, Miguel Pina. **Ecologia Organizacional: implicações para a gestão e algumas pistas para a superação de seu caráter anti-management**. RAE, v. 39, n. 4, out/dez 1999, p. 21-28.

- DUTRA, I.de S. **O Perfil empreendedor e a mortalidade de micro e pequenas empresas londrinenses**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Ed., São Paulo: Atlas 2010.
- HANNAN, M. T.; FREEMAN, J. *Structural inertia and organizational change*. *American Sociological Review*, v. 49, p.149-64, 1984.
- HANNAN, M. T.; FREEMAN, J. *The population ecology of organizations*. In: **MEYER, Marshall W. Environments and organizations: Theoretical and Empirical Perspectives**. California: Jossey-Bass, 1978.
- KING, S. *Entrepreneurs "Measure of Success"*. In. 47 th World Conference ICSB International Council for Small Business, Puerto Rico, 2002.
- LUSSIER, R.N. and PFEIFER, S.A *Crossnational Prediction Model for Business Success*. *Journal of Small Business Management*, 39,3, p.228-239, 2001.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª Ed., São Paulo: Atlas, 2010.
- McKELVEY, B., ALDRICH, H. *Populations, natural selection and applied organizational science*. *Administrative Science Quarterly*, v. 28, p. 101-28, 1983.
- MORGAN, Gareth. **Imagens da Organização**. 2.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.
- OCDE. *Perspectives de l'OCDE sur les PME*. France: OCDE, 2002.
- OLIVEIRA, R. T. D.; HEBER, F. **Condicionantes ambientais da avaliação da Pós-Graduação em Administração 2013-2016**. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 14, n. 3, p. 98-119, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4417/441764512018/movil/>. Acesso em 07/07/2024.
- RIQUELME, H. e WATSON, J. *Do Venture capitalists' implicit theories on new business success/failure have empirical validity?* *International Small Business Journal*, 20,4, p.395420, 2002.
- ROCHA, C. F. **Mortalidade empresarial: um estudo sobre a relação entre idade, tamanho e ambiente na indústria de alimentos da Bahia**. 2015. Dissertação (Mestrado em Administração) – UNIFACS Universidade Salvador, 2015. Disponível em: < <http://teste.tede.unifacs.br:8080/tede/handle/tede/553>. Acesso em 10/07/2024.
- ROULEAU, L e GAGNON, S. *Les organisations em défaillance continue: entre performance et inertie*. *Cahier de recherche* 99-03. Montreal: École des Hautes Études Commerciales, 1999.
- SCHUMPETER, J. A. ([1942] 1961). *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- SEBRAE. **A taxa de sobrevivência das empresas no Brasil – Sebrae, 2023**. Disponível em <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/a-taxa-de-sobrevivencia-das-empresas-no-brasil>. Acesso em 25 jun 2024.
- VSH PARTNERS. **A Falta de Gestão Eficiente é o Segundo Maior Motivo para o Fechamento de Empresas no Brasil**. Disponível em <https://g1.globo.com/pr/parana/especial-publicitario/vsh-partners/empreendedorismo-do-valuation-ao-mea/noticia/2023/10/30/a-falta-de-gestao-eficiente-e-o-segundo-maior-motivo-para-o-fechamento-de-empresas-no-brasil.ghtml>. Acesso em 25 jun 2024.
- ZACHAHARAKIS, L., MEYER, D. and De CASTRO, J. *Differing Perceptions of New Venture Failure: A matched exploratory study of venture capitalists and entrepreneurs*. *Journal of Small Business Management*, 37, 3, p.1-14, 1999.